



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	-6. FEV. 1960
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			



Foto de MIRANDA CASTELA

Uma imagem da sessão na Voz do Operário

LURDES PINTASILGO NA VOZ DO OPERÁRIO

«A ESPERANÇA É UM CRAVO DE ABRIL QUE VAI DE MÃO EM MÃO»

«A esperança é um cravo vermelho que vai de mão em mão.»

Maria de Lurdes Pintasilgo terminara o seu discurso na Voz do Operário, lançando neste cravo vermelho para o povo e para os capitães de Abril.

A assistência respondeu gritando «M. F. A.» e «M. F. A.» a «Grândola, Vila Morena», usando em particular o major Vasco Lourenço que, horas antes, havia entrado na sala

acompanhado da mesma saudação.

Era o encontro com Lurdes Pintasilgo, promovido por um grupo de cristãos que levaria a Voz do Operário centenas e centenas de pessoas. O recinto era pequeno para as comportar a todos: muitos estavam de pé. A presença da antiga primeira-ministra e embaixadora na U. N. E. S. C. O. aconteceu em ambiente de apoteose que, aliás, se manteria durante toda a sessão, cujos oradores eram frequentemente interrompidos por gritos de «25 de Abril sempre» e «Lurdes Pintasilgo o povo está contigo».

Foi Teresa Ambrósio, deputada do P. S. quem falou em primeiro lugar para homenagear a forma «inovadora, estimulante, corajosa e profundamente humana» pela qual Lurdes Pintasilgo exercera o seu cargo à frente do Governo. Precizando, a oradora sublinhou que o seu mandato tinha chamado a atenção para o facto de a política ser de todos e demonstrado que «o Poder é que deve servir o povo e, para isso, tem de o auscultar e respeitar a cada momento», que o querer do povo se manifesta em todos os lugares onde habita «e não só nas urnas».

Para Teresa Ambrósio, «o projecto de Lurdes Pintasilgo é um projecto em marcha e pertence a todos os que procuram novas maneiras de ser e viver a liberdade, a justiça e a paz. É uma marcha irreversível, para além de quaisquer com dias».

Maria Francelina Chambel, presidente da Câmara do Sardoal deu conta do contacto de Lurdes Pintasilgo com as populações, do esforço que fez para resolver os problemas que se lhe depararam («não metia os papéis na gaveta») e da tristeza «que sentimos quando a vimos afastada» («são só oito meses» — grita um assistente).

O terceiro orador foi Rui Grácio «um homem sem igreja nem partido» para quem «a direita não perdoa a Lurdes Pintasilgo ser cristã, não perdoou a tolerância, não perdoou que merecesse o apoio crítico das organizações de trabalhadores e dos partidos de esquerda, não lhe perdoou que a sua prática tivesse dado sinais evangélicos de estar menos com os ricos do que com os pobres, não lhe perdoou a alegria e a simplicidade».

Rui Grácio falou das complicações de «bispos e clero miúdo», antes do 25 de Abril, com o Poder, aludiu por entre apupos da assistência, ao impedimento em que se encontra Lurdes Pintasilgo de reocupar o seu lugar na U. N. E. S. C. O. e disse:

«O socialismo não é para oferecer ao povo, é para ser feito pelo povo. Lurdes Pintasilgo desassossegoou os sossegados, ameaçou que as promessas de Abril eram para se cumprir».

O orador terminou apelando a unidade, entre crentes e não crentes, para «tornar a nossa pátria mais justa, mais livre e mais fraterna».

Matos Ferreira, professor de liceu classificou o encontro de «continuidade dos que Lurdes Pintasilgo realizou em vários locais e manifestou a coragem e o espírito de servir da antiga primeiro-ministra, não obstante «as colónias e as mentiras, mesmo nas igrejas», com que procuraram atingi-la «certos doutores de lei, escribas e sacerdotes» aos quais apareceu como perigosa a presença de leigos a combater todas as dominações.

Antes de Maria de Lurdes Pintasilgo usar da palavra, falou frei Raimundo Oliveira para dizer que «o nosso Deus não se alimenta de litros de azeite nem se alumia com quilos de cera; o nosso Deus é o que ama a vida e sabe que vegetar não é viver».

Para frei Raimundo, Lurdes Pintasilgo restituiu pureza ao Evangelho desfigurado pela «ganga da História» que o revestiu da «alergia ao progresso e do «privilegio dos que já são privilegiados» e fez a opção «de isiva»: o discípulo de Jesus «tem que optar de carar pelos pobres e pelos marginalizados, tem de servir o Deus que quer a fraternidade e a igualdade entre todas as criaturas».

Depois de o prof. Pinto Correia ter entregue a Lurdes Pintasilgo mais de doze mil assinaturas recolhidas por todo o país «sem organização», a embaixadora na U. N. E. S. C. O. disse da sua experiência de cristã à frente do Governo.

«Não há técnicos de política. Todos trazemos connosco a resposta aos nossos problemas. Estamos, crentes, e não crentes, a aprender a ser cristãos. E nenhum cristão se salva sozinho. Se o meu projecto tem um contorno, é o de fazer acontecer povo porque o povo só existe quando participa».

Passava já da meia noite quando Lurdes Pintasilgo abandonou a Voz do Operário, entoada a última canção de luta, aclamada desde a sala à rua, pelos presentes que, entretanto se haviam disposto na escadaria e nos patamares do edifício. Já no exterior, as centenas de pessoas que a aguardavam tributaram-lhe nova ovação, cumprimentaram-na e abraçaram-na enquanto faziam ouvir o grito de «unidade».

Na mesa da Voz do Operário encontravam-se entre outros o prof. Miller Guerra, Nuno Bragança, Salgado Matos, padre Luis de França, padre Alberto Neto; e na assistência figuras da política como António Macedo, presidente do P. S., Lopes Cardoso, 1.º secretário da U. E. D. S., Vasco da Gama Fernandes, e os conselheiros da Revolução Vasco Lourenço e Pexarat Correia.